



## **Poder, censura e nacional-desenvolvimentismo remam nas águas da Pampulha<sup>1</sup>**

Cândida Emília Borges Lemos<sup>2</sup>  
Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, MG

### **RESUMO**

As Regatas Benedito Valadares, provas de remo disputadas na Lagoa da Pampulha, Belo Horizonte, em 1944, já no declínio do Estado Novo (1937-1945) são analisadas sob a ótica da promoção de práticas esportivas em consonância à ideologia eugenista que perpassou o regime ditatorial e também sob a perspectiva de propaganda de Getúlio Vargas e do governo por ele liderado, por meio da abordagem jornalística da imprensa local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo, História da Imprensa; Departamento de Imprensa e Propaganda; Estado Novo.

### **INTRODUÇÃO**

Belo Horizonte, na primeira metade da década de 1940, vivia os ares da modernidade e do desenvolvimento. O prefeito da capital mineira, Juscelino Kubitschek de Oliveira, cravou as metas de arrancar a cidade do provincianismo, convertendo-a em expoente do desenvolvimento econômico, da arquitetura e do urbanismo modernista, em referência artística e cultural e esportiva. Entretanto, isto ocorria no contexto da II Guerra Mundial e no Brasil, vivia-se sob a batuta do Estado Novo, no qual o cerceamento às liberdades era um de seus pilares.

Na administração do interventor de Vargas em Minas Gerais, Benedito Valadares, foi realizado o represamento do ribeirão Pampulha e a formação da Lagoa da Pampulha, localizada no vetor norte de Belo Horizonte. Já na administração JK na Prefeitura da cidade, a Pampulha foi urbanizada e se construiu o Complexo Arquitônico assinado por Oscar Niemayer.

Esta pesquisa contempla a realização das Regatas Benedito Valadares, realizadas em 2 de julho de 1944, nas margens da lagoa, que saíram do Iate Golf Clube e finalizaram na Casa do Baile, com a presença do Presidente Getúlio Vargas. Buscou-se analisar o tratamento dado ao evento nos jornais *Folha de Minas* e *Estado de Minas*, no período

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Doutora em História (Universidade do Porto, Portugal), Mestre em Ciência Política (UFMG), Graduada em Comunicação Social, hab. Jornalismo (PUC Minas); professora dos cursos de Publicidade/Propaganda e de Jornalismo (UMA), da pós-graduação 'Mídia eletrônica: rádio e TV' (UNI/BH). Pesquisadora do Centro de Investigação da Mídia da UNA. E.mail:candida.lemos@prof.una.br



entre 1º a 4 de julho de 1944, exemplares que compõem o acervo digital da Hemeroteca Pública Luiz de Bessa, em Belo Horizonte, que embora digitalizado, não está disponível para consultas *online*.

## **ATRÁS DAS MONTANHAS**

A *Folha de Minas* foi criada em 1934 pelos irmãos Afonso Arinos e Virgílio de Mello Franco, quando esta tradicional família rompera com Getúlio Vargas. Sob a marca do liberalismo, a Folha “renovou a técnica da imprensa”, acreditava Afonso Arinos (Werneck, 1992, p. 96). Os problemas financeiros não tardaram, muito em função da censura imposta à imprensa após a Intentona Comunista de 1935. Logo, o projeto jornalístico dos irmãos Mello Franco foi a nocaute:

No final do ano (1935), o jornal que surgira para combater os ocupantes do Catete e do Palácio da Liberdade, passou, melancolicamente, para as mãos dos bancos oficiais mineiros de que era devedor. Em outras palavras, para as mãos de seu adversário Benedito Valladares (WERNECK, 1992, p. 96).

Embora funcionasse quase como um órgão oficial dos palácios da Liberdade e do Catete, os jornalistas da Folha não necessariamente era alinhados à ideologia do Estado Novo. Entre seus redatores estavam Fernando Sabino e Murilo Rubião. Este último foi o chefe da delegação mineira no I Congresso Nacional de Escritores, realizado em São Paulo, em janeiro de 1945, marco na trajetória oposicionista que levou à queda do Presidente Vargas e da ditadura, ao defender as liberdades de expressão e de manifestação (ABREU, 2001, s/p).

O jornal *Estado de Minas*, por seu turno, foi adquirido por Assis Chateaubriand em março de 1928, quando Getúlio Vargas articulava nacionalmente rumo à derrubada a primeira República. Chateaubriand apoiou Vargas e organizava sua rede de jornais e revistas em prol da Aliança Liberal que estava embrionária. Indagou: “E como conspirar com Minas sem ter um grande jornal para defender essa conjura lá, atrás daquelas montanhas?” (MORAIS, 1994, p. 202).



Na sequência do golpe de 1937, Chateaubriand aderiu ao Estado Novo e escreveu em editorial para seus jornais: “[...] o golpe que os arrebatou da desordem liberal democrática para a disciplina autoritária tem à frente um paisano, com todas as qualidades eminentes do chefe” (MORAIS, 1994, p. 375). O jornalista, porém, comunicava discretamente aos seus leitores que as publicações dos Associados estavam sob censura, talvez fosse uma forma de dizer a Getúlio que tal apoio não era irrestrito e cego. Moraes conta:

Chateaubriand mandou publicar, como se fosse um descuido gráfico, um claro indício de que seus escritos estavam mais uma vez sendo submetidos a censura. Em tipografia diferente da utilizada no artigo, sai publicado: ‘Visto. Assinado, Negrão de Lima’. (MORAIS, 1994, p. 375).

Órgão governamental criado pelo Decreto-Lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) foi o mais poderoso instrumento de difusão ideológica do Estado Novo e de promoção pessoal e política de Getúlio Vargas e das realizações do governo. Era o “porta-voz oficial do regime”(ARAÚJO, 200-,s/p).

Vinculado ao Ministério da Justiça desde 1940, o DIP teve, em seu percurso até sua extinção em 1945, relações conflituosas com a imprensa. Por exemplo, em março de 1940, a polícia invadiu a sede do jornal e DIP interveio no jornal até o final do Estado Novo. Naquele mesmo ano, também sofreram intervenção os jornais A Noite e A Manhã. ((ARAÚJO, 200-).

Nas ações do DIP,

todos os serviços de propaganda e publicidade dos ministérios, departamentos e estabelecimentos da administração pública federal e de entidades autárquicas passaram a ser executados com exclusividade pelo órgão, que também organizava e dirigia as homenagens a Vargas [...] tornou-se o órgão coercitivo máximo da liberdade de pensamento e expressão durante o Estado Novo e o porta-voz autorizado do regime. (ARAÚJO, 200-, s/p).

O DIP, portanto, era bem mais do que órgão censor, pois a ele estava reservado o papel de fomentador de ideias rumo à construção da identidade nacional e da cultura nacional, que versavam ao trabalhismo, ao nacionalismo e ao desenvolvimento, coroados com a força do Estado, na condição de orientador, fomentador e regulador da vida social, econômica e cultural.



Nas estratégias de disseminação da ideologia estado-novista, estavam as políticas de lazer para as classes trabalhadoras, com as organização de festas, comícios e outras atividades públicas, de acordo com a premissa de racionalização das atividades de tempo livre, principalmente dos setores, com o intuito “de manifestar o controle e de inserir na mente da nação os valores mais altos da civilidade projetados pelo governo Vargas (ALMEIDA e GUTIERREZ, 2011, p. 140). A utilização do lazer como estratégia dos regimes autoritários e totalitários integra a materialização propagandística destes regimes (ARENDRT, 1989).

Outra estratégia de propaganda do Estado Novo, a exemplo da Itália fascista de Mussolini e da Alemanha nazista de Hitler, era a de criar elos de controle e de atuação direta do Estado nos esportes. Buscava-se uma aproximação entre o fenômeno esportivo e a identidade nacional, “seja através das celebrações cívicas ou de espetáculos esportivos organizados pelo governo” (DRUMOND, 2009, p. 400). Os esportes abarcavam mais que o futebol. Portanto, cabe lembrar as provas internacionais de automobilismo realizadas, embora de forma descontínua, entre 1933 a 1954, no Rio de Janeiro.

A exemplo de entidades classistas – patronais e laboristas – os esportes também eram regulamentados e controlados pelo Estado, pelo decreto lei nº 3199, de 14 de abril de 1941. Este, em seu segundo artigo criou o Conselho Nacional de Desportos (CND), que “detinha o controle quase total dos desportos, trazendo toda a organização esportiva nacional para a direta influência do Estado, para o interior de sua ordem corporativa”. (DRUMOND, 2009, p. 414).

Ilustrativo recordar a realização do I Congresso de Brasilidade, realizado em novembro de 1941, no Rio de Janeiro e outras cidades brasileiras, organizado pelo Estado e por entidades civis, como a Liga de Defesa Nacional. O artigo do professor Deonato Moraes apresentado no Congresso é exemplar do que fora a cultura eugenista no Estado Novo:

[...]Avançando no entrelaçamento entre uma condição eugênica ideal individual e sua postura responsável com o coletivo social, ao qual o indivíduo deveria estar integrado, apresenta-se a definição de que: (...) *a educação eugênica integral é o desenvolvimento da consciência sanitária, que dá ao indivíduo a capacidade de defender sua saúde e a*



*de sua família, proteger a saúde coletiva e aumentar os valores potenciais da resistência orgânica.* (MORAIS, 1941).

A etnia brasileira, de acordo com a ideologia estadonovista, estaria calcada na unidade étnica baseada

na saúde e na beleza, mas, para além de tudo, voltada e capacitada para o trabalho, ponto basilar da nova nacionalidade que se pretendia erigir, pois, como afirmou o próprio Getúlio Vargas: *É inadiável dar pronta solução ao problema do fortalecimento da raça, assegurando o preparo cultural e eugênico das novas gerações* (CARVALHO, 2010, p. 28).

### **Estimulantes espirituais**

Na administração municipal de Otácio Negrão de Lima houve o represamento da Ribeirão Pampulha, para a barragem de controle das cheias e abastecimento de água da região (LEMOS, 1995). Já na administração de JK, “o espírito do modernismo que pairava na capital, somado ao interesse de Kubitscheck em marcar sua administração com o signo da modernização teve, na Pampulha o seu alvo principal” (LEMOS, 1995, p. 230). Por conseguinte, neste contexto, o projeto desenvolvimentista de JK ganhou impulso, que envolvia a urbanização da Pampulha e a sua transformação em centro turístico e de lazer, com a dinamização dos vetores norte e oeste da cidade.

JK, assim, definira a Pampulha e a ideologia que permeava suas águas e suas margens:

A Pampulha estava lá, desafiando minhas reservas de imaginação. Um prefeito não deve pensar tão somente em coisas práticas. A beleza, sob todas as formas, precisa fazer parte de suas cogitações. Numa cidade, vivem massas humanas que sentem que são capazes de emoções e que, portanto, não prescindem de estimulantes espirituais. Em face daquele desafio, o que pretendia era aliar o útil ao agradável: criar um centro de turismo e fazê-lo, emprestar uma ressonância de poesia à iniciativa municipal. (OLIVEIRA, 1976, p.19).

Naquele momento encerrava-se o primeiro ciclo da história de Belo Horizonte, que nasceu do plano de Aarão Reis, no limiar do século XIX,

com a reestruturação urbana promovida por Juscelino Kubitschek, que vai muito além da construção do conjunto da Pampulha. Gestão particularmente profícua para a cidade – 1940-45 – o governo JK em Belo Horizonte antecipará algumas das características que vão se expressar em escala nacional mais tarde, de tal modo que, em vários aspectos Belo Horizonte funciona como um ensaio geral do que será a



presença de JK na presidência da República. Registre-se que no caso de Belo Horizonte a gestão JK teve, ao lado do reconhecido caráter desenvolvimentista, significativas iniciativas nos campos cultural e social. (DE PAULA e MONTE-MÓR, 200-, p.245).

Por sugestão do Ministro da Educação Gustavo Capanema, JK contrata o jovem arquiteto Oscar Niemeyer para planificar o Complexo da Pampulha. Nascia, assim, o conjunto que introduz o estilo modernista na arquitetura brasileira: o Cassino, a Casa do Baile, a Igreja São Francisco de Assis e o Iate Golf Club. Com o arquiteto, estavam o paisagista Roberto Burle Max, o escultor Alfredo Ceschiatti e o pintor Cândido Portinari.

Em julho de 1943, Getúlio Vargas estava na capital mineira para inaugurar as obras. O complexo, ao reinventar a cidade, ao assumir o papel da memória na constituição das identidades coletivas, ao reivindicar o futuro, leva a entender a Pampulha, como símbolo tanto de ousadia técnica quanto de ousadia estética. (DE PAULA e MONTE-MÓR, 200-, p.245).

O Iate segue o mesmo padrão arquitetônico do Complexo da Pampulha. Até 1961, era um clube público e foi privatizado nessa data (BAHIA, 2010, p. 140). Na época da realização das Regatas, o presidente da agremiação era o próprio prefeito JK. Em sua concepção estavam

“suas linhas arquitetônicas modernas, o Iate, inaugurado em 1943, introduziu no Brasil o telhado com inclinação em V, popularmente chamado telhado, borboleta. O prédio tem as águas do telhado invertidas, convergentes para o centro, ao contrário do padrão tradicional. Suas proporções e sua forma foram comparadas a um barco atracado às margens da represa. Essa característica o singulariza na paisagem e lhe confere caráter identitário como bem cultural. O programa do projeto arquitetônico era de um clube comum, prevendo piscinas, quadras de esportes, incorporando a lagoa para a prática de esportes náuticos como o remo, vela e regatas. As competições eram bem divulgadas pela imprensa e certamente serviam de incentivo indutor para a promoção da Pampulha como sofisticado espaço de lazer. (BAHIA, 2010, p. 139).

O Complexo Arquitetônico da Pampulha ganhava notoriedade nacional e internacional. Neste contexto, Carsalade avalia que a arquitetura da Pampulha abriu “BH aos olhos do mundo” (2005, p. 57). Segundo o autor, o arquiteto francês Jean Deroche havia dito à época que Pampulha fora “o grande entusiasmo” de sua geração (CARSALADE, 2005, p. 57).

De acordo com os planos desenvolvimentistas de JK e Valadares, a Pampulha passava a ser referência de lazer para a população. Segundo Lemos, “a elite da cidade passou a



frequêntar a Casa do Baile, o Cassino e o Iate Golf Glube. Inúmeras festas e encontros culturais foram promovidos, possibilitando a frequêntação do lugar”(LEMOS, 2005, p. 72). JK buscava a promoçào do Complexo por meio do lazer, da cultura e do turismo: “Procurou integrar o espaço na vida cotidiana urbana. Estimulando a interaçào entre a régio e as demais áreas da cidade (LEMOS, 2005, p. 72). Nesta perspectiva se insere a realizaçào das Regatas em 1944.

A visita de Vargas a Belo Horizonte, na primeira semana de julho de 1944, ocorrera na fase de declínio do Estado Novo, pois aumentavam as pressões sociais, sobretudo das elites, que clamavam pela democratizaçào, em especial em Minas, aonde nove meses antes, em outubro de 1943, viera a público o “Manifesto dos Mineiros”, do qual foram signatários os irmãos Mello Franco, Pedro Aleixo e Milton Campos, entre outros. O documento evidenciava o afastamento de Getulio Vargas das “eufemisticamente denominadas ‘classes produtoras’, e da falta, cada vez maior, de apoio social ao Estado Novo”(ALMEIDA JR., 1981, p. 231).

A agenda de Vargas em Belo Horizonte foi farta: inauguraçõe da Usina Central de Leite, do Instituto de Tecnologia Industrial, da Fundação Benjamin Guimarães; abertura da XI Exposiçào Nacional de Animais, na Gameleira, Comício público, na Praça Rio Branco; jantares com líderes empresariais; finalmente, Regatas Benedito Valadares, na Lagoa da Pampulha, realizadas no domingo, 2 de julho.

Não por acaso, dois dias antes das Regatas, em consonância aos planos desenvolvimentistas de JK e de Valadares, inaugurava-se a linha de bondes, que interligava a Praça Sete à porta do Iate, na Pampulha, perfazendo trajeto de 9800 metros (FOLHA...1944). No dia das competiçõe náuticas, os bondes foram gratuitos. Ônibus especiais saíram da avenida Afonso Pena, em frente à Casa Guanabara. Havia também táxi-lotaçào, conhecido na época como auto-lotaçào. Segundo a *Folha de Minas*, as autoridades e os “convidados de honra” assistiram às regatas das marquises da sinuosa Casa do Baile. Até mesmo na reportagem que poderia ser enquadrada na caracterizaçào de prestadora de serviçõe, por abranger informaçõe úteis ao leitor, como horários dos transportes públicos e seu itinerário até a orla da lagoa, trazia também elogios a Vargas e a Valadares acerca da realizaçào das competiçõe náuticas: “(...) homenagem pelo muito que s. excia. tem feito em prol do engrandecimento e do progresso do desporto

mineiro [...]o quanto é querido pelos mineiros”. E sobre a presença do presidente: “aumentando ainda mais o seu (da competição) brilhantismo”. (FOLHA... 1944. p.8).

De acordo com as diretrizes propagandísticas do DIP (ARAUJO, 200-), o meio rádio fora um forte instrumento do Estado Novo. Por meio deste veículo, as atividades cívicas, os discursos do presidente eram transmitidos para todo o Brasil. Nas Regatas, esta tônica não foi diferente, pois a rádio oficial do governo de Minas, a Inconfidência, transmitiu em ondas curtas e longas a saga náutica da Pampulha. Conforme reportagem de a *Folha de Minas*, havia sido instalado um aparelho transmissor em um barco, de onde os locutores narraram ao vivo as provas, do meio da lagoa. O jornal qualificou tal transmissão como “êxito absoluto do aparelho” (FOLHA..., 1944,p. 5), que à época era de última geração.

Figura 1: Cobertura do Estado de Minas sobre as Regatas, edição do dia 4 jul. 1944



Fonte: ESTADO...1944, p.9.

A primeira página de o *Estado de Minas* não economiza elogios ao presidente e ao governador. Apesar de um título neutro e informativo (“Chegou ontem a Belo Horizonte





o presidente Getúlio Vargas”), o paratexto é enfático: “O chefe do Estado foi recebido nesta capital com expressivas manifestações de entusiasmo popular – As grandes homenagens que estão sendo feitas ao ilustre visitante pela sociedade e governos mineiros (ESTADO... 1944, p. 1). No texto do EM, está clara a intenção de frisar que Vargas supostamente fosse unanimidade em Minas, sem qualquer vestígio de oposição: a visita do presidente teria aberto “a oportunidade ao povo mineiro para reafirmar [...] o sentimento de estima e solidariedade (a ele)”. O texto tenta recuperar o tempo da Primeira República e o hiato entre os governantes e os governados:

um novo clima de confiança na ação do poder público, suprimindo a área de indiferença que, noutros tempos, se estendia (sic) entre o povo e o governo [...] a sociedade mineira, através de todas as suas classes, sente-se bem em exprimir ao presidente Getúlio Vargas o seu aplauso e a sua solidariedade (ESTADO...1944, p. 1).

Com o título “aproxima-se o fim da guerra”, o *Estado de Minas* apresenta o comício da Praça Rio Branco, o qual é apresentado como uma homenagem das classes empresariais e trabalhadoras ao governante. O EM optou por colocar o discurso de Vargas na forma de citação indireta. Como o jornal estava sob censura, ainda mais por se tratar de falas do próprio Vargas, esta citação do discurso deve ter recebido delicada atenção do censor de plantão. Vargas dissera ou teria dito que “nunca teve um momento de vacilação ao outorgar-lhes leis sociais, como depôs não teve motivos para disso se arrepender”. Já para as classes comercial e industrial, Vargas ressaltou a ação de Benedito Valadares na construção da cidade industrial. E arrematou que sua “maior satisfação era verificar que as três classes comungavam nos mesmos sentimentos, atingindo o grau de identificação que foi sempre o objetivo primordial do governo” (ESTADO... 1944, p. 1).

Sobre o mesmo comício, o texto da *Folha*, por sua vez, foi pouco informativo, porém os adjetivos fervorosos a Vargas deram o tom. Sobre o comício: “intensa vibração cívica”, “vibrantes manifestações”. Sobre o presidente: “sincera, espontânea e firme a confiança que a gente montanhesa deposita [...]” e [...] “constância de sua devoção patriótica”. (FOLHA... 1944, p. 1).

Na cobertura das Regatas, o esporte foi sombreado pelo brilho dado a Vargas e Valadares e mesmo ao jovem prefeito JK, que tiveram mais destaques do que as



competições em si, nas duas publicações em análise. Como o título “Iate e Olímpico, depositários de nossas esperanças”, já no segundo parágrafo a política rouba a cena do remo, este que: “somente agora acaba de ser implantado definitivamente entre nós, mercê da iniciativa notável do prefeito Juscelino Kubitschek, a quem o desporte montanhês fica devedor” (ESTADO... 1944, p.9).

As regatas reuniram 11 equipes náuticas. As cariocas eram francas favoritas: Botafogo, CR Piraquê, Flamengo, Guanabara, Internacional, Natação e Regatas, Regata Lago, São Cristovão e Vasco da Gama. Já as equipes mineiras se restringiam aos clubes Iate e Olímpico, já que o Pampulha disputava apenas a prova regional e não as interestaduais. Antes do início das seis provas, houve o desfile dos atletas ao presidente Vargas, evento chamado pelo *Estado de Minas* de “big-parede”. Aos olhos do jornal, a presença de Vargas “emprestará maior brilho às festividades e oferecerá o ensejo à mocidade desportiva de Minas de prestar-lhe suas homenagens”. (ESTADO... 1944, p. 9).

Os próprios nomes das provas instigam a mistura do esporte com a política e a mídia. Foram: “Emissoras Mineiras”, “imprensa Mineira”, “Presidente Vargas”, “Imprensa Carioca”, “Prefeito JK” e “Governador Benedito Valadares”.

No *Estado de Minas*, a partir da manchete principal com a cobertura do evento (“Um sucesso, as regatas”), seguiram-se várias retrancas e títulos secundários: “Enquanto houver entusiasmo”, “O Iate Golfe Clube venceu brilhantemente a prova Governador Valadares conquistando o terceiro lugar”, “O Vasco confirmou seu favoritismo sagrando-se campeão”, “O presidente Vargas e o governador Valadares assistiram a todo o desenrolar das provas”, “O Prefeito JK vibrou de contentamento”(ESTADO... 1944, p. 1).

Nas reportagens, as palavras revelavam intenções. O sucesso do evento era *grande* e *surpreendente*. A competição foi *notável* e *magna*. A Pampulha era *majestosa* e a tarde foi *magnífica*. O *lead* foi assim: “A magnífica tarde esportiva de domingo na Pampulha mereceu os mais superiores adjetivos pela imponência do espetáculo que foi dado presenciar ao numeroso público que ocorreu à majestosa represa”. Na cobertura geral do evento, que ocupou quase duas páginas, os nomes do presidente e do governador aparecem nove e dez vezes, respectivamente, inclusive em título. As reportagens são entremeadas de mensagens política, como: “Outro fator que pôs em relevo o interesse e a importância das regatas foi a circunstancia de que o presidente e o Governador estiveram presentes”.

Figura 2: Cobertura Folha de Minas sobre as Regatas, edição dia 1 jul. 1944



Fonte: FOLHA...1944, p.8.

Por sua vez, a *Folha de Minas* dedicava cinco páginas à visita de Vargas a Minas, na qual se inserem as Regatas, que mereceram uma página. A capa assemelha-se a um cartaz propagandístico. É a colagem de oito fotos com flashes dos eventos. Um título geral: “Minas deu alto testemunho de cultura cívica e espírito de brasilidade nas grandiosas homenagens ao Presidente Vargas” (FOLHA...1944, p. 1). Na mesma edição de *Folha de Minas*, de 2 de julho de 1944, anunciava-se: “A grande competição náutica é mais um passo para o desenvolvimento esportivo de Minas”, ressaltando a presença dos “chefes da nação e do Estado”.

Na página específica sobre as Regatas, a *Folha* recorre ao mesmo adjetivo que foi utilizado no título da edição anterior referente a Vargas: “vibração”: Empolgante espetáculo de vibração”, dizia o título de 4 de julho (FOLHA... 1944, p. 2) Já o dia 2 de julho foi “intensa vibração cívica”. Vargas estava acima do evento, pois este foi “abrilhantado” pelo presidente que, por sua vez, foi “vibrantemente aclamado pela multidão”. Esta, “a massa popular em meio de verdadeiro transbordamento de entusiasmo, satisfeita e jubilosa com a presença do Presidente Getúlio Vargas e do



Governador Benedito Valadares assistiu empolgada ao desenrolar da sensacional competição”. (FOLHA..., p. 4). A vitória da equipe do Vasco da Gama, na hierarquia da composição da página, sempre está subalterna às autoridades presentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto à imprensa, observa-se na cobertura do evento em tela a difusão de um pensamento homogêneo e hegemônico. É mister considerar questionamento elaborado por Dahl:

Se apenas um grupo goza do monopólio de fornecer a informação [...] como poderiam os cidadãos participar realmente da vida política se toda a informação que pudessem adquirir fosse proporcionada por uma única fonte [...] um único partido, uma facção ou único interesse?” (2001, p. 111).

Sobre as Regatas Benedito Valadares, o que se sabe são pelos olhos da imprensa. O Iate, depois de privatizado, em 1961, pouco preservou documentos da época quando era um clube público, como uma das praças de esportes tão difundidas no Estado Novo. A competição perdeu-se ao longo da história da cidade e do país. O remo não foi incorporado à cultura esportiva de Belo Horizonte. Outras modalidades esportivas se fizeram prevalecer, como o vôlei, a natação e o futebol.

A Pampulha, por sua vez, inscreveu-se definitivamente na história como “berço da moderna Arquitetura brasileira e de sua importância mundial” (CARSALADE, 2005, p. 58). Portanto, o sonho de JK de transformá-la em ícone da cidade se concretizou. Já sob a chancela da liberdade de expressão e opinião, JK voa ao Planalto Central.

Aqueles censores do Estado Novo deixaram as redações. Os “Atalibas”, como eles ficaram conhecidos (MOARES,1994), voltaram duas décadas depois e ficaram por longo tempo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JR., Antônio Mendes. Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Getúlio Vargas. . In: FAUSTO, Boris (dir.). **O Brasil Republicano: sociedade e política (1930-1964)**. São Paulo: Difel, 1981, v. 3, cap. 4, , p. 225-255.

ALMEIDA, Marco Antônio Bettine e GUTIERREZ, Gustavo Luis. Análise do desenvolvimento das práticas urbanas de lazer relacionadas à produção cultural. No período nacional-desenvolvimentista. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**. São Paulo, v. 25, n.1, p.



137-152, jan-mar. 2011. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbefe/v25n1/13.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v25n1/13.pdf). Acesso em: 6 abr. 2012.

ARAUJO, Rejane. Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). In: Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Cpdoc. Disponível em: <fgv.br.cpdoc>. Acesso em: 2 fev. 2012.

BAHIA, Denise Marques. **A arquitetura política e cultural do tempo histórico na modernização de Belo Horizonte (1940-1945)**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011. 1 CD-ROM.

CARSALADE, Flávio de Lemos. Pampulha como ícone de Belo Horizonte. In: ASTRO, Mariângela; FINGUERUT, Silvia (Org.). **Igreja da Pampulha: restauro e reflexões**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2005. p. 60-73.

CARVALHO, Luiz Henrique. **Educação e Unidade Nacional no Estado Novo: o I Congresso de Brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: [http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes/dissertacao\\_de\\_mestrado\\_luiz\\_felipe\\_de\\_carvalho.pdf](http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes/dissertacao_de_mestrado_luiz_felipe_de_carvalho.pdf). Acesso em: 7.mar. 2012.

DAHL, Robert. **Sobre a democracia**. Brasília: Ed. UnB, 2001.

DE PAULA, João Antônio e MONTE-MÓR, Roberto (coord.). **Formação Histórica: Três Momentos Da História De Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 200-, p. 234-269. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/pbh/arquivos/Mod1.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2012.

DRUMOND, Maurício. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. **Estud. hist. (Rio J.)** [online]. 2009, vol.22, n.44, pp. 398-421. ISSN 0103-2186. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862009000200005>. Acesso em: 9 abr. 2012.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano 17, nº 5444, 2 jul. 1944.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: ano 17, nº 4445, 4 jul. 1944.

FOLHA DE MINAS. Belo Horizonte: nº 3319, 2 jul. 1944.

FOLHA DE MINAS. Belo Horizonte: nº 3320, 4 jul. 1944.

LEMOS, Celina Borges. The Modernization of brazilian urban space as a political symbol of the republic. In: Johnson, PAMELA (org). **The Journal of decorative and propaganda arts**. Brazil them issue. Miami (USA), 1995. p. 219- 236.

LEMOS, Celina Borges. Belo Horizonte nas décadas de 1940/1950 e o impacto da Pampulha. In: CASTRO, Mariângela; FINGUERUT, Silvia (Org.). **Igreja da Pampulha: restauro e reflexões**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2005. p. 60-73.

MORAIS, Deodato de . Unidade Étnica. In: NACIONAL, Liga de Defesa. **Congresso de Brasilidade – Unidades Temáticas**. Rio de Janeiro: Of. Grafts. O Globo, 1941.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2ª ed., 1994.



OLIVEIRA, Juscelino, Kubitschek. **Meu caminho para Brasília:** a escalada política. Rio de Janeiro: Bloch, 1976. v 2.

WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada.** São Paulo: Cia das Letras, 1992.

